# A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA

CLARENCE W. HALL

Redator de The Reader's Digest

Novembro de 1964

*Edição Eletrônica*

*Luis Valentin C Vallejo*

*- 2009 -*

ARTIGO ESPECIAL

# A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA

CLARENCE W. HALL
Redator de The Reader's Digest

A história inspiradora de como um povo se rebelou e impediu os comunistas de tomarem conta de seu país. Por se tratar de um documento de significação muito especial, êste artigo foi publicado em caderno separado para que possa ser destacado intato da revista e enviado a outras pessoas.

*Em 2 de abril passado, no Rio de Janeiro, mais de um milhão de pessoas encheram as ruas proclamando sua determinação de permanecerem livres*

**Raramente uma grande nação estêve mais perto do desastre e se recuperou do que o Brasil em seu recente triunfo sôbre a subversão vermelha. Os elementos da campanha comunista para a dominação—propaganda, infiltração, terror—estavam em plena ação. A rendição total parecia iminente... e então o povo disse: *Não*!**

**Esta narrativa conta como um povo defendeu resolutamente a sua liberdade. Mais do que isso, constitui um claro plano de ação para cidadãos preocupados em nações ameaçadas pelo comunismo.**

# A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA

O PALCO estava completamente armado e determinado o cronograma para a primeira fase da tomada de posse pelos comunistas. Nos calendários dos chefes vermelhos do Brasil—assim como nos de Moscou, Havana e Pequim—as etapas para a conquista do poder estavam marcadas com um círculo vermelho: primeiro, o caos; depois, guerra civil; por fim, domínio comunista total.

Havia anos que os vermelhos olhavam com água na bôca o grande país, maior que a parte continental dos Estados Unidos e que contém 80 milhões de habitantes, aproximadamente metade da população da América do Sul. Além de imensamente rico em recursos ainda inaproveitados, o Brasil era a enorme chave para todo o continente. Como o Brasil se limita

FOTO: "O GLOBO"

com 10 países tôda a América do Sul, exceto Chile e Equador—seu domínio direto ou indireto pelos comunistas ofereceria excelentes oportunidades para subverter um vizinho após outro. A captura dêste fabuloso potencial mudaria desastrosamente o equilíbrio de fôrças contra o Ocidente. Comparada com isso, a comunização de Cuba era insignificante.

Por fim estava tudo preparado. A inflação piorava dia a dia; a corrupção campeava; havia inquietação por tôda a parte—condições perfeitas para os objetivos comunistas. O Govêrno do Presidente João Goulart estava crivado de radicais; o Congresso, cheio de instrumentos dos comunistas. Hàbilmente, anos a fio, os extremistas da esquerda tinham semeado a idéia de que a revolução era inevitável no Brasil. Dezenas de volumes eruditos foram escritos acêrca da espiral descendente do Brasil para o caos econômico e social; a maioria concordava em que a explosão que viria seria sangrenta, comandada pela esquerda e com um elenco acentuadamente castrista. Os brasileiros em geral olhavam o futuro com a fascinação paralisada de quem assiste impotente à aproximação de um ciclone. Uma expressão brasileira corrente era: "A questão não é mais de saber *se* a revolução virá, mas de *quando* virá."

O país estava realmente maduro para a colheita. Os vermelhos tinham introduzido toneladas de munições por contrabando, havia guerrilheiros bem adestrados, os escalões inferiores das Fôrças Armadas estavam infiltrados, planos pormenorizados estavam prontos para a apropriação do poder, feitas as "listas de liquidação" dos anticomunistas mais destacados. Luiz Carlos Prestes, chefe do Partido Comunista Brasileiro, tècnicamente ilegal, mas agressivamente ativo, vangloriava-se pùblicamente: "Já temos o poder, basta-nos apenas tomar o Govêrno!"

### Amadores Contra Profissionais

E ENTÃO, DE REPENTE—e arrasadoramente para os planos vermelhos—algo aconteceu. No último instante, uma contra-revolução antecipou-se à iniciativa dêles. A sofrida classe média brasileira, sublevando-se em fôrça bem organizada e poder completamente inesperado, fêz sua própria revolução—e salvou o Brasil.

Sem precedentes nos anais dos levantes políticos sul-americanos, a revolução foi levada a efeito não por extremistas, mas por grupos normalmente moderados e respeitadores da lei. Conquanto sua fase culminante fôsse levada a cabo por uma ação militar, a lideranca atrás dos bastidores foi fornecida e continua a ser compartilhada por civis. Sua ação foi

---

CLARENCE W. HALL, redator do Reader's Digest e antigo redator-chefe do *Christian Herald*, passou algumas semanas no Brasil quando a revolução ainda estava viva na memória de todos. Juntamente com outro redator, William L. White, entrevistou demoradamente pessoas que tomaram parte nos acontecimentos, altos funcionários do Govêrno, militares e cidadãos de tôdas as classes.

rápida (cêrca de 48 horas do início ao término), relativamente sem derramamento de sangue (apenas uma dúzia de pessoas foi morta) e popular além de tôdas as expectativas.

Uma vitória colossal para o próprio Brasil, ela foi ainda maior para todo o mundo livre. Pois, como comentou um categorizado funcionário do Govêrno em Brasília: "Ela marca a mudança da maré, quando tôdas as vitórias pareciam ser vermelhas, e destrói completamente a afirmação comunista de que a 'história está do nosso lado'."

Quanto a seu significado, diz Lincoln Gordon, Embaixador dos Estados Unidos no Brasil: "Os futuros historiadores é bem possível que registrem a revolução brasileira como a mais decisiva vitória pela liberdade em meados do século XX. Esta foi uma revolução doméstica, feita com as próprias mãos, tanto na concepção como na execução. Nem um só dólar ou cérebro norte-americano foi empenhado nela!"

Como foi, exatamente, que os brasileiros conseguiram esta vitória magnífica? A história secreta desta legítima revolução do povo—planejada e executada por amadores mobilizados para a luta contra calejados revolucionários vermelhos—é um modêlo para tôda nação anàlogamente ameaçada, uma prova animadora de que o comunismo *pode* ser detido de vez, quando enfrentado com energia por um povo suficientemente provocado e decidido.

## Deriva Para o Caos

A história começa pouco depois da renúncia do Presidente Jânio Quadros, em agôsto de 1961. Seu sucessor, o Vice-Presidente Goulart, de tendências esquerdistas, mal chegado de uma visita à Rússia e à China Vermelha, apenas assumiu o poder deixou transparecer claramente em que direção ia conduzir o país.

Sem ser comunista, Jango procedia como se o fôsse. Sedento de poder, Goulart julgava estar tornando os camaradas instrumentos de suas ambições; em vez disso, eram êles que faziam dêle seu instrumento. As portas, há anos entreabertas à infiltração vermelha, foram escancaradas. A inflação, estimulada por enchentes de papel-moeda emitido em administrações anteriores e agora acelerada por Jango, subia em espiral, enquanto o valor do cruzeiro caía dia a dia. O capital, vitalmente necessário para desenvolver o país, fugia para o estrangeiro; os investimentos alienígenas secavam ràpidamente sob o pêso das restrições e das constantes ameaças de desapropriação.

## "A Hora é Agora"

Alarmados com a perigosa deriva para o caos, alguns homens de negócio e profissionais liberais reuniram-se no Rio em fins de 1961, dizendo: "Nós, homens de negócio, não mais podemos deixar a direção do país apenas aos políticos." Convocando outras reuniões no Rio e em São

Paulo, declararam: "A hora de afastar o desastre é agora, não quando os vermelhos já tiverem o contrôle completo do nosso Govêrno!"

Dessas reuniões nasceu o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPES), destinado a descobrir exatamente o que ocorria por trás do cenário político e o que se poderia fazer a respeito. Outras associações já existentes, como o CONCLAP (Conselho Superior das Classes Produtoras), formado pelos chefes de organizações industriais, tanto grandes como pequenas; o GAP (Grupo de Ação Política); o Centro Industrial e a Associação Comercial, também se empenharam em atividades de resistência democrática.

Essas organizações ràpidamente através do país. Embora agindo independentemente, êsses grupos conjugavam suas descobertas, coordenavam planos de ação. Produziam cartas circulares apreciando a situação política, faziam levantamentos da opinião pública e redigiam centenas de artigos para a imprensa respondendo às fanfarronadas comunistas.

Para descobrir como funcionava no Brasil o aparelho subterrâneo treinado por Moscou, o IPES formou seu próprio serviço de informações, uma fôrça-tarefa de investigadores (vários dentro do próprio Govêrno) para reunir, classificar e correlacionar informes sôbre a extensão da infiltração vermelha no Brasil.

## Guarnecidos de Vermelhos

Os INVESTIGADORES não tardaram a descobrir um cavalo-de-tróia vermelho, de dimensões bem mais assustadoras do que alguém imaginava. Muitos comunistas disfarçados, "plantados" em ministérios e órgãos governamentais anos antes, tinham conseguido alçar-se até postos-chaves na administração federal. A maioria dos ministérios e repartições públicas estavam guarnecidos de comunistas e simpatizantes a serviço das metas de Moscou. O chefe comunista Prestes apregoava em público: "Dezessete dos nossos estão no Congresso"—todos eleitos em chapas de outros partidos. Além disso, dezenas de deputados simpatizantes faziam acôrdos com os comunistas, apoiando-os em muitas questões, sempre atacando o "imperialismo dos Estados Unidos"—mas jamais criticando a Rússia Soviética.

Comunistas não eram os ministros, mas os consultores de alto nível, e às vêzes apenas os subordinados ao ministro, ou os redatores de relatórios em que se baseavam altas decisões. Alguns alardeavam abertamente: "Não nos interessa quem faça os discursos, desde que sejamos nós que os escrevamos!" O Ministério de Minas e Energia era dominado completamente por um grupo assim. O Diretor-Geral dos Correios e Telégrafos, Dagoberto Rodrigues, oficial do Exército, conhecido como esquerdista, liberou certa vez grande quantidade de material de propa-

ganda soviética e cubana aprenedida pelo Govêrno Federal com a explicação vaga: "Examinei êste material e concluí que não é subversivo."

Nos próprios sindicatos o contrôle comunista era esmagador. Repetidamente o Govêrno intervinha em eleições sindicais a fim de garantir a escolha de candidatos comunistas, especialmente em indústrias que podiam prontamente paralisar o país.

### Atenção Especial à Educação

O MAIS sabidamente infiltrado era o Ministério da Educação. Um dos mais íntimos conselheiros de Goulart era Darcy Ribeiro, que, como Ministro da Educação, serviu-se de cartilhas para ensinar a milhões de analfabetos o ódio de classes marxista.

Especialmente mimada pelo Ministério da Educação era a UNE (União Nacional dos Estudantes), cuja diretoria era completamente dominada por vermelhos e cujos 100 000 sócios constituem a maior organização estudantil nacional da América Latina. Durante anos um subsídio anual do Govêrno, de cêrca de 150 milhões de cruzeiros, era entregue aos diretores da UNE— sem que tivessem de prestar contas. Assim garantidos, êles se dedicavam integralmente à agitação política entre os estudantes. Parte dêsse subsídio era usada para financiar excursões à Cuba Vermelha e visitas a grupos irmãos de estudantes comunistas em outros países da América Latina.

Fortalecida ainda mais por substanciais fundos de guerra oriundos de Moscou, a UNE publicava panfletos inflamados e um jornal semanal marxista virulentamente antiamericano. Fingindo-se empenhado em combater o analfabetismo, um grupo da UNE passou dois meses distribuindo material de leitura, no qual se incluía o manual de guerrilhas do castrista "Che" Guevara—impresso em português por comunistas brasileiros da linha vermelha chinesa. Líderes da UNE especializavam-se em fomentar greves escolares e comícios estudantis, demonstrações públicas e distúrbios de rua.

### Engenheiros do Caos

A INFILTRAÇÃO, constataram os investigadores, fôra-se tornando maior e cada vez menos oculta a cada mês que passava. Suficientes para fazerem soar campainhas de alarma foram as nomeações de certos homens feitas logo no início do Govêrno Goulart, como Evandro Lins e Silva, eminente advogado, há muito defensor de causas comunistas, para Procurador-Geral da República; e o Professor Hermes Lima, um admirador de Fidel Castro, para Primeiro-Ministro. (Ambos foram posteriomente nomeados para o Supremo Tribunal Federal.) O principal entre os mais veementes defensores de medidas esquerdizantes era Abelardo Jurema, Ministro da Justiça de Goulart. E o secretário de imprensa do Presidente era Raul Ryff, de ligações notórias com o Partido

Comunista havia mais de 30 anos.

O principal porta-voz do regime Goulart era Leonel Brizola, cunhado de Jango, Governador do Estado do Rio Grande do Sul e depois Deputado pelo Estado da Guanabara. Ultranacionalista, odiando os Estados Unidos, Brizola era classificado como "um homem temeràriamente mais radical do que o próprio chefe vermelho, Luiz Carlos Prestes".

Por tôda a parte havia "técnicos de conflito", comunistas do caos. Adestrados em escolas de subversão atrás da Cortina de Ferro, eram peritos em criar o caos, para depois promover agitações em prol das "reformas", levar o Govêrno a fazer grandes promessas que nunca poderia cumprir, e, em seguida, aproveitar o desespêro resultante para gritar: "Revolução!" O número dêsses técnicos não era grande—não havia mais de 800, tendo uns 2 000 adeptos em órgãos do Govêrno. Diz o Dr. Glycon de Paiva, do Conselho Nacional de Economia: "É tática comunista clássica darem a impressão de que são muitos. Na verdade, só uns poucos devotados são necessários para levar a efeito a derrubada de um país. Os povos livres cometem o êrro de não darem importância a qualquer fôrça sem efetivos consideráveis. Nós aprendemos pelo processo difícil."

Quase diàriamente vinham à luz as mais espantosas provas de que uma revolução vermelha estava em processo. No empobrecido Nordeste, onde se justificava a preocupação pelas flagrantes injustiças praticadas por abastados proprietários rurais contra camponeses famintos, "barbudos" de Castro perambulavam pelo campo suscitando a revolta. O transporte para instrutores cubanos em guerra de guerrilhas, assim como para centenas de jovens brasileiros que iam a Cuba fazer cursos especiais de subversão de 20 dias, era assegurado por aviões diplomáticos em vôos regulares de ida e volta para Havana. Irradiações da China Vermelha, em português, ficavam no ar quase oito horas por dia, conclamando os camponeses a se sublevarem contra os proprietários das terras.

Típico da eficiência dos investigadores democráticos foi a descoberta que fizeram, em setembro de 1963, de um grande carregamento de armas que se encontrava a caminho do Brasil, procedente da Europa Oriental. Alertado, o Exército Brasileiro enviou uma tropa ao navio e conseguiu confiscar toneladas de armas portáteis, munições, metralhadoras, equipamento de comunicações de campanha e montões de propaganda vermelha em português.

### O Método "Enriqueça Depressa"

As contínuas investigações dos peritos de informação do IPES revelaram mais do que subversão. A corrupção generalizada—bem acima do comumente aceito como parte da vida política da América Latina—estendia-se do palácio presidencial

para baixo. No momento em que Goulart e seus extremistas de esquerda atribuíam tôdas as dificuldades do Brasil aos "exploradores e sanguessugas norte-americanos", havia gente no Govêrno metendo as mãos no dinheiro público com a maior sem-cerimônia. Estava claro que qualquer auxílio a regiões empobrecidas, inclusive contribuições da Aliança Para o Progresso, tinham de transpor uma pesada pista de obstáculos de mãos ávidas e dedos ágeis.

Com uma renda declarada de menos de 50 milhões de cruzeiros em 1963, Goulart, por exemplo—conforme documentos apreendidos pelo Conselho Nacional de Segurança depois que êle fugiu para o exílio—gastou 236 *milhões* de cruzeiros sòmente em suas fazendas de Mato Grosso. Enquanto Goulart insistia no confisco das propriedades dos latifundiários e na distribuição da terra aos camponeses, os registros de imóveis demonstram que êle ràpidamente somava imensas propriedades às que já tinha. Só depois que Jango fugiu pôde o Brasil medir a sinceridade dêle em matéria de partilha de terras. Proprietário de terras apenas em São Borja, quando iniciou sua vida pública, ao abandonar o país em abril passado Goulart era o maior latifundiário do Brasil, possuindo em seu nome mais de 7 700 quilômetros quadrados de terras, uma área quatro vêzes e meia superior à do Estado da Guanabara.

E havia os que compartilhavam as oportunidades de ficarem ricos depressa. Indiscrições sôbre uma iminente mudança na política oficial, como sôbre taxas de câmbio, davam milhões a favoritos palacianos. Empreendimentos de qualquer gênero eram vinculados a comissões e retribuições em dinheiro.

Verificou-se que um membro do estafe de Jango tinha um "bico" como "ministro-conselheiro de assuntos econômicos numa embaixada no exterior"—emprêgo a que nunca dedicou um dia de trabalho, mas adicionava mais de 15 milhões de cruzeiros ao seu salário anual de oito milhões e meio. O tráfico de influência era um fato. Um dos deputados do Partido Trabalhista, de Goulart, estava afzendo uma fortuna acrescentando 1 295 funcionários à sua fôlha de pagamento em troca de uma fatia dos vencimentos dêles.

Outro negòciozinho cofortável, explorado por um "do peito" do Govêrno, era conseguir bons empregos públicos para quem pudesse pagar-lhe uma taxa de um milhão e meio de cruzeiros. Um governador de Estado estava fazendo fortuna com contrabando; outro recebeu uma verba de seis bilhões e meio de cruzeiros para a construção de rodovias e calmamente embolsou o total.

Além de tôdas essas velhacarias de alto calibre, que podiam ser documentadas, inúmeros milhões de cruzeiros desapareciam sem deixar rastro no poço sem fundo da corrupção que campeava.

**Propaganda por Panfleto**

Os LÍDERES da classe média brasileira, armados com as montanhas de provas reunidas por seus investigadores, puseram-se então a agir. Sua missão: despertar seus tolerantes e cordiais patrícios, cujas condescendentes atitudes políticas eram resumidas muito freqüentemente na frase: "Está certo, êle é comunista, mas é uma boa praça!"

Os anticomunistas organizaram dossiês sôbre os chefes comunistas e seus colaboradores, dentro e fora do Govêrno, e distribuíram-nos largamente entre os líderes da resistência e os jornais. Êles visavam principalmente à crescente classe assalariada do país, a grande sofredora com a galopante inflação.

Diretores de organizações comerciais e de fábricas convocavam reuniões regulares dos empregados, discutiam o significado oculto dos acontecimentos correntes, davam-lhes panfletos. Um livrinho barato, escrito por André Gama, dono de uma pequena fábrica de Petrópolis, e intitulado "Nossos Males e Seus Remédios", teve uma circulação superior a um milhão de exemplares. Outro documento, escrito em linguagem simples, explicava como o sistema democrático funciona melhor do que outro qualquer, detalhava as tragédias da Hungria e de Cuba, e avisava: "Está acontecendo aqui!"

A distribuição dêsse e de outros materiais anticomunistas a princípio foi clandestina, depois tornou-se ostensiva. Os lojistas punham os folhetos denunciadores dentro de embrulhos e sacos de compras. Os ascensoristas davam-nos a passageiros que se queixavam da situação. Os barbeiros punham-nos dentro das revistas que eram lidas pelos fregueses que esperavam a vez. Um tipógrafo do Rio imprimiu secretamente 50 000 cartazes com caricaturas de Fidel Castro fustigando seu povo e a legenda: "Você quer viver sob a chibata dos comunistas?" À noite mandou vários ajudantes colocá-los em lugares públicos.

Os contra-revolucionários da classe média do Brasil pagavam pelo tempo no rádio e na televisão para divulgarem suas revelações. Quando a pressão do Govêrno fechou muitas estações de rádio e TV a todos menos aos mais radicais propagandistas, êles formaram sua própria "Rêde da Democracia" de mais de 100 estações em todo o Brasil. De outubro de 1963 até à revolução, as estações dessa rêde, organizada por João Calmon, diretor dos Diários Associados, iam para o ar na mesma hora em que o esquerdista Leoncl Brizola arengava ao público.

(Detido após a revolução e perguntado por que falhara o golpe vermelho, o General Assis Brasil, o esquerdista Chefe do Gabinete Militar do Presidente Goulart, deixou escapar: "Aquela desgraçada rêde de rádio e TV, assustando a opinião pública e provocando tôdas aquelas marchas de mulheres!")

Os investigadores não descobriram apenas o que tinha acontecido, mas também o que estava para acontecer. Adotando as táticas dos próprios vermelhos, trabalhadores infiltravam-se nos altos conselhos dos sindicatos trabalhistas, fingindo-se comunistas, mas denunciando regularmente as maquinações vermelhas. Repetidas vêzes os planos dos vermelhos foram desmantelados, quando oradores e escritores da oposição iam para a imprensa e para o rádio revelar o que se preparava. Certa feita, os vermelhos estavam discretamente reunindo 5 000 pessoas para uma viagem a Brasília, numa "peregrinação espontânea" para influenciar a ação do Congresso. Quando os anticomunistas denunciaram a manobra dias antes, a "peregrinação" foi cancelada.

### Uma Imprensa Destemida

Os PRINCIPAIS jornais brasileiros cedo entraram na luta. Comunicando regularmente as descobertas dos grupos de resistência e mantendo por conta própria cerrada fuzilaria editorial, destacavam-se os dois mais influentes jornais do Rio, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, bem como *O Estado de S. Paulo*, da capital paulista, e o *Correio do Povo*, o mais antigo e mais respeitado jornal independente do Rio Grande do Sul.

Por seu destemor, os jornais brasileiros pagaram pesado preço em matéria de perseguição pelo Govêrno. Quando João Calmon publicou uma revelação comprometedora de quanta inverdade havia no pretenso interêsse de Leonel Brizola pela reforma agrária—sendo o próprio Brizola interessado em terras—êste tentou silenciá-lo mandando executar a hipoteca de empréstimos feitos aos Diários Associados pelo Banco do Brasil. Para manter a cadeia funcionando, anunciantes brasileiros prontamente pagaram adiantadamente seus contratos de 12 meses, adiando assim o fechamento.

Por publicar uma narração corajosa e reveladora do que viu durante uma visita que fêz à Russia em 1963, o dono do *Jornal do Brasil*, M. F. do Nascimento Brito, viu seu jornal incorrer nas iras do Govêrno, que mais tarde, no dia 31 de março, ordenou a sua invasão por elementos do Corpo de Fuzileiros Navais.

### Feminina e Formidável

MAS É ÀS mulheres do Brasil que cabe uma enorme parcela de crédito pela aniquilação da planejada conquista vermelha. Em escala sem paralelo na história da América Latina, donas de casa lançaram-se à luta aos milhares, fazendo mais para alertar o país para o perigo do que outra fôrça qualquer. "Sem as mulheres", diz um líder de classe média da contra-revolução, "nunca teríamos podido sustar a tempo o mergulho do Brasil em direção à ditadura. Muitos dos nossos grupos de homens tinham de trabalhar disfarçadamente, mas as mulheres trabalharam às claras . . . e como trabalharam!"

A vela de ignição e a fôrça propulsora do levante das mulheres foi uma minúscula amostra de 45 quilos de energia feminina: Dona Amélia Molina Bastos, do Rio, ex-professôra primária, de 59 anos de idade, espôsa de um general reformado do corpo médico do Exército.

FOTO: "O GLOBO"

*Dona Amélia Bastos: "Quem tem mais a perder do que nós mulheres?"*

Ela ouviu uma noite, em meados de 1962, seu marido e alguns líderes anticomunistas discutirem desanimados a ameaça que se agigantava. "Sùbitamente concluí que a política se havia tornado demasiado importante para ser deixada inteiramente nas mãos dos homens."

No dia seguinte—12 de junho—Dona Amélia convidou à sua casa várias amigas e vizinhas. Com fogo nos olhos, ela perguntou:

—Quem tem mais a perder com o que está acontecendo no nosso país do que nós mulheres? Quem está pagando as contas do armazém cada vez mais altas por causa da inflação? Quem está vendo, sem nada poder fazer, as nossas economias, cuidadosamente acumuladas, destinadas à educação de um filho ou filha, minguarem ao ponto de não darem sequer para comprar uma roupinha de verão para criança? E de quem será o futuro que desaparecerá senão o de nossos filhos e netos, se a política radical do Govêrno levar a nossa pátria ao domínio comunista?

Naquela mesma noite foi formado o primeiro centro da CAMDE (Campanha da Mulher Pela Democracia). E no dia seguinte, com 30 donas de casa mobilizadas, Dona Amélia foi aos jornais do Rio pedir atenção para seu protesto contra a nomeação por Goulart de seu avermelhado primeiro-ministro. Em *O Globo*, disseram-lhe: "O protesto de 30 mulheres não quer dizer muita coisa. Mas se a senhora puder marchar até aqui com 500 mulheres . . ."

Pegando no telefone, Dona Amélia e seu nascente grupo reuniram as 500 mulheres, e dois dias depois se apresentaram a Roberto Marinho, diretor do jornal—e o fato mereceu manchetes de primeira página. O protesto não sustou a nomeação, mas estabeleceu o poder das mulheres para influenciar a opinião pública.

### A "Corrente de Simpatia"

Quando a sala de estar de Dona Amélia não mais pôde acomodar tôdas as donas de casa ansiosas por tomar parte na CAMDE, ela mudou suas reuniões para salões paroquiais de igrejas, formou dezenas de outras pequenas "células" em casas de família. Cada mulher que comparecia era encarregada de organizar outra reunião com 10 de suas amigas; por sua vez estas tinham de recrutar outras. Para financiar suas atividades, elas economizavam nos orçamentos domésticos e pediam ajuda às amigas com posses. As mulheres da CAMDE insistiam em ação. Formavam comícios de protesto público; ficavam horas diàriamente ao telefone; escreviam cartas (certa vez, mais de 30 000) a congressistas para "assumirem posição firme em prol da democracia". Pressionavam firmas comerciais para que tirassem sua publicidade do jornal *Última Hora*, punham anúncios em jornais avisando sôbre suas reuniões, apareciam em comícios públicos para discutir com esquerdistas e desafiar os agitadores, distribuíam milhões de circulares e livretos preparados pelas organizações democráticas denunciando o namôro do Govêrno com os vermelhos.

Além disso, produziam literatura própria, especialmente orientada no sentido das preocupações femininas; mais de 200 000 exemplares só de um trabalho, descrevendo o que as mulheres podiam fazer, foram distribuídos pela CAMDE às suas sócias, cada uma devendo tirar cinco cópias e mandá-las a possíveis candidatas a sócias.

Quando o diretor esquerdista dos Correios e Telégrafos vedou a distribuição de mensagens e publicações da CAMDE, Dona Amelinha organizou uma fôrça de "senhoras estafetas" para entregar o material de automóvel, convencendo pilotos de companhias de aviação brasileiras a transportá-lo para lugares distantes.

As donas de casa da classe média não se limitaram a seu próprio ambiente. Elas se concentraram, por exemplo, nas mulheres do sindicato dos estivadores, fortemente influenciado pelos vermelhos. "Vocês devem convencer seus maridos!", diziam àquelas mulheres. Muitas o conseguiram, e não poucos foram os estivadores assim convertidos à democracia, comunicando depois às suas espôsas: "Não somos mais comunistas!"

### O Murmúrio das Orações

Mesmo nas favelas, ponto especial de ataque da propaganda vermelha, formavam-se unidades da CAMDE. Uma delas, numa favela na Zona Sul do Rio, denominada Rocinha, nasceu do pedido de socorro de uma lavadeira a Dona Amelinha.

—Êste lugar aqui—disse a mulher —está cheio de comunistas. Êles dizem que querem ensinar a gente a ler e escrever, e trazem divertimentos para nós. Mas os únicos livros

que usam são cartilhas cubanas, as únicas fitas que passam são de güerrilheiros cubanos.

Imediatamente formou-se uma célula na Rocinha, centralizada na casa dessa lavadeira; organizaram-se classes de alfabetização, forneceram-se livros. E dali a pouco as mulheres da Rocinha estavam em condições de discutir com os vermelhos em seu próprio nível, dizendo aos candidatos comunistas ao Congresso e a propagandistas da União Nacional dos Estudantes: "Vão embora. Sabemos o que é que vocês estão querendo!"

Os vermelhos partiram em busca de prêsas mais fáceis.

A difusão das organizações femininas foi espetacular. Algumas tornaram-se filiais da CAMDE; outras, como a LIMDE (Liga das Mulheres Democráticas) em Belo Horizonte, possuíam identidade própria.

As mulheres de Belo Horizonte, no Estado brasileiro talvez mais ferrenhamente anticomunista, eram a coragem personificada. Quando o Congresso das Uniões dos Trabalhadores da América Latina (CUTAL), dirigido pelos vermelhos, anunciou um comício a ser efetuado em Belo Horizonte, tendo como oradores principais dois organizadores comunistas vindos da Rússia, as líderes da LIMDE mandaram um recado curto ao CUTAL: "Favor ficar cientes que, quando chegar o avião trazendo êsses homens, centenas de mulheres estarão deitadas na pista!" Elas cumpriram a palavra, e o avião nunca pousou na capital mineira; em vez disso, prosseguiu para Brasília.

As mesmas mulheres realizaram demonstração igualmente eficaz em fevereiro último. Um "Congresso de Reforma Agrária" devia reunir-se em Belo Horizonte, tendo como orador principal o cunhado de Goulart. Quando o Deputado Brizola chegou ao saguão, encontrou-o tão apinhado com 3 000 mulheres que não conseguiu fazer-se ouvir acima do ruído dos rosários e do murmúrio das preces pela libertação da pátria. Saindo, Brizola viu as ruas igualmente cheias de mulheres rezando até aonde a vista podia alcançar. O Deputado Brizola foi impelido para fora de Belo Horizonte, levando no bôlso, sem o pronunciar, um dos mais violentos discursos da sua carreira.

Em 12 meses, grupos assim atuaram em tôdas as cidades grandes, de Belém a Pôrto Alegre.

### Um Aviso de Kennedy

Em nenhum momento, a não ser bem no fim, qualquer das fôrças anticomunistas—grupos masculino, feminino ou militar—pensou em obter a deposição de Jango antes do fim de seu mandato, em janeiro de 1966. Diz Haroldo Cecil Poland, membro da Junta Diretora do IPES: "Afinal de contas, Goulart tinha sido legalmente eleito, de acôrdo com a Constituição, e nós brasileiros temos uma longa tradição de legalidade. Só estávamos procurando fazê-lo livrar o Govêrno de méto-

dos e pessoas que estavam levando o país ladeira abaixo rumo ao caos e à guerra civil. Nossas comissões procuraram-no enquanto êle se mostrou disposto a nos receber. Mas êle não nos dava atenção, voltando-se cada vez mais para os extremistas, e afinal recusou-se a receber-nos."

Um dos primeiros indícios do desdém de Goulart por conselhos amistosos ocorreu em dezembro de 1962, quando o Procurador-Geral dos Estados Unidos, Robert Kennedy, visitou o Brasil. O objetivo dêle era aconselhar, em nome de seu irmão, o Presidente, que os Estados Unidos não poderiam continuar eternamente despejando fundos da AID dentro do Brasil, a menos que se fizesse alguma coisa para deter a espiral inflacionária que anulava o valor dêsses fundos. Goulart agiu da seguinte maneira: apenas algumas horas depois da partida de Kennedy, êle formou uma comissão para coordenar a expansão do comércio com a União Soviética!

### A Sorte Está Lançada

No COMÊÇO de março dêste ano, o país inteiro era um rastilho pronto a irromper em chamas de revolta. Em 13 de março, o próprio Goulart, com os vermelhos a incitá-lo, temeràriamente riscou o fósforo. Perante uma audiência de uns 100 000 trabalhadores—arrebanhados por líderes vermelhos e trazidos para o Rio de Janeiro em ônibus e trens ao custo de mais de 400 milhões de cruzeiros para o Govêrno—Goulart e Brizola irrevogàvelmente comprometeram o Govêrno a fazer mudanças radicais.

Realizado na praça em frente à estação da Central do Brasil, no Rio, na hora da volta para casa das grandes massas residentes nos subúrbios, o comício apresentou uma floresta de cartazes enfeitados com a foice e o martelo e exigências como "Legalidade Para o Partido Comunista!" e "Armas Para o Povo!". Agentes democratas, procurando misturar-se com a multidão, constataram estar esta dividida em blocos, cada um com sua própria senha para deixar de fora quaisquer intrusos inamistosos.

A estupefata classe média brasileira, assistindo pela TV, ouviu Goulart denunciar como "superadas" a estrutura do Govêrno e a ordem social existentes, exigindo mudanças básicas na Constituição. Entre as mudanças sugeridas: legalização do Partido Comunista. A seguir, Goulart anunciou dois decretos. Um confiscava e entregava à Petrobrás as seis refinarias ainda em mãos de particulares. O outro, mais assustador, autorizava o Govêrno a confiscar, sem indenização em dinheiro, quaisquer áreas agrárias por êle julgadas inadequadamente utilizadas e entregá-las a camponeses sem terras—uma clara repetição do programa inicial de Fidel Castro de "reforma agrária".

Os decretos constituíram um movimento audacioso para contornar o Congresso. Combinado com os

ataques à Constituição, isso era um audaz lanço para estabelecer o govêrno por decreto, essência da ditadura.

O cunhado do Presidente, assomando à tribuna, foi mais longe ainda. Em voz estridente, Brizola exigiu a extinção do Congresso e a instituição, em seu lugar, de "assembléias" de operários, camponeses e sargentos do Exército—um evidente eco dos sovietes de operários, camponeses e soldados de Lenine, em 1917. As implicações eram bastante claras.

O comício de 13 de março bem pode ser considerado como o detonador da revolução preventiva. A classe média brasileira percebeu então que a sorte estava lançada: Goulart tinha ido além do ponto em que poderia arrepender-se. O Govêrno tinha entrado num caminho que só podia levar a uma sangrenta guerra civil, seguida da tomada do poder pelos comunistas.

### A Marcha das Mulheres

Os PRIMEIROS a agir foram as mulheres de São Paulo. Ouvindo pelo rádio e TV o comício de 13 de março, centenas de donas de casa correram para os telefones para convocar um comício capaz de fazer a demonstração engendrada por Goulart parecer insignificante. Seis dias depois, a 19 de março, as largas avenidas do centro da cidade de São Paulo ficaram entupidas pelo que as mulheres denominaram "Marcha da Família com Deus Pela Liberdade". Apertando livros de oração e rosários contra o peito, mais de 600 000 pessoas marcharam solene e ritmicamente sob pendões anticomunistas. E enquanto elas marchavam, os jornaleiros nas calçadas venderam centenas de milhares de exemplares de jornais contendo na íntegra uma proclamação de mais de 1 000 palavras, prèviamente preparada pelas mulheres. É dessa proclamação o seguinte trecho:

**Esta nação que Deus nos deu, imensa e maravilhosa como é, está em extremo perigo. Permitimos que homens de ambição ilimitada, sem fé cristã nem escrúpulos, trouxessem para nosso povo a miséria, destruindo nossa economia, perturbando a nossa paz social, criando ódio e desespêro. Êles infiltraram o nosso país, o nosso Govêrno, as nossas Fôrças Armadas e até as nossas igrejas com servidores do totalitarismo exótico para nós e que tudo destrói . . . Mãe de Deus, defendei-nos contra a sorte e o sofrimento das mulheres martirizadas de Cuba, da Polônia, da Hungria e de outras nações escravizadas!**

Um espectador classificou a marcha das mulheres em São Paulo "como a demonstração mais comovente da história brasileira". Dias depois, foram organizadas marchas semelhantes para várias das principais cidades do país. Nem todos os esforços do Govêrno para desencorajá-las nem as ameaças da polícia de dissolvê-las conseguiram deter as entusiásticas cruzadas.

## Guardiães da Legalidade

MAS, PARA impedir o golpe vermelho, tinha de ser empregada ação mais forte do que demonstrações públicas. Líderes da classe média começaram a conferenciar secretamente com generais anticomunistas do Exército Brasileiro, de longa data desconfiados de Goulart e silenciosamente empenhados em sua própria resistência aos métodos dêle.

Para compreender o papel desempenhado pelos militares na revolução é mister entender o caráter e as tradições do Exército Brasileiro —uma estirpe ímpar na América Latina. O Brasil, ao contrário de outros países, nunca estêve sob uma ditadura exclusivamente militar.

Tradicionalmente, o Exército tem-se considerado o defensor da Constituição, o guardião da legalidade. Seus generais, ainda ao contrário dos de alguns países latino-americanos, não são oriundos da aristocracia rica, mas das classes média e média inferior. Vários começaram sua carreira como soldados. Assim, não formam uma casta militar, representando antes, talvez melhor do que qualquer outro segmento da população, uma seção transversal da opinião e dos ideais democráticos brasileiros.

Històricamente submetido à autoridade civil, o Exército só interferiu em situações políticas cinco vêzes desde a queda da Monarquia, em 1889—e tão-sòmente em crises em que o pòder civil se desmoronou ou decaiu. Nessas ocasiões o Exército só assumiu a direção o tempo suficiente para restabelecer os processos constitucionais, afastando-se em seguida. Nunca revelou nenhuma tendência para pegar o poder para si próprio —mesmo quando teria sido mais fácil, e quiçá aconselhável, fazê-lo. Da implantação da República até hoje, só cinco dos 25 presidentes do Brasil foram militares, e êsses devidamente eleitos ou nomeados.

Em sua maioria anticomunistas, a desconfiança que os generais tinham de Goulart e seus enredamentos com os extremistas era igualada pela desconfiança que Goulart tinha dêles. Confiando em que o respeito à Constituição os impediria de agir, não obstante, Goulart, por medida de cautela, transferia os comandos militares e manobrava as promoções de modo a reduzir o poder dos oficiais mais conservadores.

Um dêsses oficiais, o General Humberto de Alencar Castelo Branco, comandava o Exército sediado em Pernambuco, há muito um perigoso foco de agitação social. Quando alguns fazendeiros foram assassinados, e muitas famílias fugiram do terrorismo vermelho para as cidades, Castelo Branco entrou em ação. Aí, o Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, notòriamente radical, queixou-se de que o General Castelo Branco estava "neutralizando" as influências esquerdistas em seu Estado. Goulart imediatamente tirou de lá o criador de casos—"promovendo-o" a Chefe do Estado-Maior

do Exército. Outros oficiais que se manifestaram contra o comunismo, foram anàlogamente transferidos para cargos burocráticos, enquanto esquerdistas eram levados a posições de comando estratégicas.

### Motim nas Fileiras

PARA ANULAR ainda mais qualquer possibilidade de uma revolta de generais anticomunistas, os vermelhos—aparentemente com a conivência de Goulart—trataram de destruir a disciplina nas Fôrças Armadas, quando não estimular o motim declarado. Foi desencadeado entre sargentos e praças um programa de vigorosa agitação, incitando-os a formarem seus sindicatos para reclamar uma alteração na lei que permitisse candidatarem-se a cargos eletivos—direito franqueado a oficiais, mas não a praças. Para minar mais ainda a ação dos chefes e enfraquecer a disciplina, formou-se uma Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais—levando a "guerra de classes" marxista às classes armadas.

Em 23 de março, com os acontecimentos se avolumando vertiginosamente, Goulart demonstrou abertamente sua simpatia pelo movimento destinado a pôr a pique a disciplina das Fôrças Armadas. Nesse dia, uns 1 400 sócios da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil amotinaram-se no Rio de Janeiro, abrigando-se na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, controlado por comunistas. Desafiando as ordens de regressarem aos quartéis, os amotinados gritavam alegremente das janelas "Viva Goulart" e apregoavam sua fidelidade a seu comandante, Cândido da Costa Aragão, nomeado por Goulart e conhecido nos meios esquerdistas como "Almirante do Povo".

Tropas do Exército cercaram e prenderam os rebeldes—que no entanto foram postos em liberdade algumas horas depois por ordem do próprio Presidente. Para grande desapontamento dos militares, Goulart "pediu" aos amotinados que fôssem para os seus quartéis, com a garantia de que não seriam punidos e receberiam dispensa no fim-de-semana.

O Ministro da Marinha, Almirante Sílvio Borges de Souza Mota, abruptamente exonerou o "Almirante do Povo", depois demitiu-se em protesto contra o encorajamento do motim pelo Govêrno. Goulart imediatamente reconduziu o "Almirante do Povo" ao seu pôsto e a seguir anunciou que o nôvo Ministro da Marinha seria Paulo Mário da Cunha Rodrigues, um esquerdista conhecido como "Almirante Vermelho", convocado da reserva nessa emergência. Os amotinados comemoraram ruidosamente a vitória nessa tarde no centro da cidade do Rio, conduzindo aos ombros seu bem-amado "Almirante do Povo".

### Comêço de Uma Avalancha

ENTREMENTES, observando sombriamente os acontecimentos de seu gabinete de trabalho no Rio, Castelo Branco, o general que fôra "promo-

vido", havia sondado sua consciência legalista e resolvido agir. Entre seus colegas oficiais, o Chefe do Estado-Maior do Exército gozava do tipo de respeito profundo desfrutado nos Estados Unidos pelos Generais George Marshall e Douglas MacArthur. Êle se formou brilhantemente na Escola Militar do Brasil, tendo mais tarde feito um curso no Colégio de Comando e Estado-Maior dos Estados Unidos, em Fort Leavenworth, no Kansas. Durante a Segunda Guerra Mundial foi Chefe de Operações da Fôrça Expedicionária Brasileira, na Itália, como parte do Quinto Exército comandado pelo General Mark Clark.

Após o comício de 13 de março, Castelo Branco redigiu uma veemente nota. Quando um Presidente se propunha a anular o Congresso e a derrubar a Constituição, argumentava êle, a ação militar em defesa da legalidade não só se justificava, mas era obrigatória. Êsse memorando sigiloso foi distribuído a generais de confiança. Como tôda correspondência dos oficiais sabidamente anticomunistas era controlada e seus telefones censurados, a circulação do manifesto de Castelo Branco foi um problema. Foi resolvido por homens de negócio anticomunistas: êstes transportaram exemplares no bôlso do paletó, entregando-os pessoalmente aos oficiais certos, e também forneceram homens de confiança para transmitir mensagens entre generais na sua acelerada troca de opiniões.

Ao manifesto de Castelo Branco, que circulava secretamente, mais de 1 500 oficiais de Marinha acrescentaram então um dêles. Endereçado a todo o povo brasileiro, êle declarava que chegara a hora de o Brasil "se defender". O Exército prontamente proclamou "solidariedade à Marinha", o grosso da imprensa aderiu, e na distante Brasília alguns membros do Congresso abraçaram a causa.

Estaria a nação inteira se sublevando? O próprio Goulart pareceu atônito pela extensão da reação pública. Conferenciando às pressas com seu nôvo Ministro da Marinha, o "Almirante Vermelho", Jango procurou recuar. Haveria um inquérito sôbre aquêle motim, anunciou, e, entrementes, o "Almirante do Povo", Aragão, foi dispensado de seu comando.

O recuo veio tarde demais—a avalancha havia começado.

Fazendo um último e desesperado esfôrço para obter algum apoio nas Fôrças Armadas, Goulart, na noite de 30 de março, foi à sede do Automóvel Clube do Brasil, no Rio, onde uma grande multidão de sargentos do Exército se reunira para homenageá-lo. Mas era demasiado tarde. No momento mesmo em que Goulart sorvia os aplausos dos sargentos e verberava os "gorilas", a revolução preventiva já estava em marcha.

### Marcham as Colunas Rebeldes

A PRIMEIRA conclamação para depor Goulart viera do Governador

dos mineiros, Magalhães Pinto. Demonstrações em apoio dêsse apêlo prontamente ocorreram nas ruas, e em 31 de março uma divisão do Exército sediada em Minas e comandada pelo General Olympio Mourão Filho pôs-se a caminho do Rio. Poucas horas depois chegou a notícia de que o General Amaury Kruel, comandante do Segundo Exército, sediado em São Paulo, estava lançando suas fôrças na luta pela liberdade e enviando um forte contingente para o norte, rumo ao Rio. Nessa altura, soube-se que o Quarto Exército, sediado em Pernambuco e comandado pelo General Justino Alves Bastos, também aderira à rebelião.

À beira do pânico, o Presidente Goulart tomou um avião para Brasília, onde disse aos repórteres: "Vim para aqui a fim de governar o país, e confio em que o povo esteja comigo." Ràpidamente descobriu que o Congresso não estava, e que tropas da guarnição de Brasília estavam-se movimentando para atacar o palácio presidencial. Após três horas apenas em Brasília, estava outra vez de volta em seu avião, rumo ao seu Estado natal, o Rio Grande do Sul. O Terceiro Exército, sediado em Pôrto Alegre, ainda não se definira; seu general-comandante, Ladario Pereira Telles, embora não esquerdista, era leal a Jango. À sua chegada, entretanto, Goulart soube que o Governador Ildo Meneghetti aderira ao levante.

Uma incógnita era o Primeiro Exército, sediado no Rio de Janeiro. Virtualmente prêso em seu palácio no Rio, do qual fêz sua última barricada, o Governador da Guanabara, Carlos Lacerda, de longa data acirrado inimigo de Goulart, queria proclamar sua fidelidade à revolução e não podia fazê-lo. O Govêrno Federal ainda controlava as estações de rádio do Rio e uma greve geral em apoio de Goulart fechara tudo na cidade. As únicas fôrças de Lacerda eram a Polícia Militar, suas únicas armas blindadas os caminhões de limpeza pública estacionados de modo a obstruírem as ruas que conduziam ao palácio. Ao que êle sabia, o Primeiro Exército ainda estava recebendo ordens de Goulart. Desanimado, o Governador soube que Goulart mandara uma coluna em direção a São Paulo, a fim de interceptar a coluna rebelde que avançava. (O que êle e a população carioca só puderam saber mais tarde foi que, quando as duas fôrças se encontraram, a coluna presumìvelmente pró-Goulart logo aderiu aos rebeldes.)

Afinal, em sua única linha telefônica ainda funcionando, o Governador Lacerda conseguiu falar com uma emissora rebelde na distante Belo Horizonte, cujo som podia ser ouvido no Rio. Foi então que sua própria cidade finalmente o ouviu proclamar sua solidariedade à revolução. Mas quando ainda falava, chegou-lhe um comunicado de que carros de combate do Primeiro Exército rodavam pelas belas e sombrea-

das avenidas do Rio, a caminho do palácio do Govêrno. Só quando os carros chegaram ao palácio, foi que Lacerda soube que êles tinham vindo para salvá-lo e não para massacrá-lo.

### Vitória

PELO MEIO da tarde de quarta-feira, 1.º de abril, tudo estava terminado, e os líderes da classe média do Brasil estavam nos microfones saudando o colapso do comunismo. Em tôdas as janelas do Rio esvoaçavam lençóis e toalhas saudando a vitória, e as ruas de tôdas as grandes cidades do Brasil se encheram de gente alegre e dançando num espírito carnavalesco.

Do Rio Grande do Sul chegou a notícia de que Jango Goulart fugira para o Uruguai. Também escaparam às pressas Brizola, o Embaixador de Cuba e chefes graduados dos vermelhos, que dispararam para as fronteiras dos países vizinhos, pularam depressa dentro de aviões rumo a Cuba ou se esconderam em embaixadas amigas de países da Cortina de Ferro.

Navios procedentes da Tchecoslováquia, cheios de mais armas para os revolucionários vermelhos, foram assinalados virando rumo a Havana. E, no Rio, densas nuvens de fumaça subiam dos incineradores da Embaixada Russa, onde grandes quantidades de documentos e papéis foram queimados às pressas.

Como pôde uma nação dividida, de 80 milhões de pessoas, mudar pròlìticamente tão depressa e pràticamente sem perda de vidas, em contraste com as carnificinas de circo romano de Cuba, ou da Espanha, onde ambos os lados lutaram tão encarniçadamente durante anos?

O mérito cabe em grande parte ao quadro dos oficiais do Exército Brasileiro, altamente civilizado, que agiu com tanta lealdade e precisão para pôr côbro à ameaça vermelha de apoderar-se do Govêrno, pouco antes de chegar ao ponto de derramamento de sangue. Mas como os generais se apressam em admitir, maior mérito ainda cabe aos civis, que, tendo diante dos olhos a lição de Cuba, por mais de dois anos haviam alertado o povo—e no momento culminante deram o sinal aos militares para agirem.

Dois dias depois da revolução, o Brasil teve um lembrete do que realmente a tornara possível. Dois de abril tinha sido marcado pelas mulheres da CAMDE como a data para a "Marcha da Família com Deus Pela Liberdade", no Rio de Janeiro. Mas então, com a liberdade conquistada, para que incomodar-se? As mulheres do Rio, todavia, correram aos seus telefones, como suas irmãs de outras cidades haviam feito antes. A marcha teria lugar segundo os planos, mas agora como "marcha de ação de graças a Deus". Quando até o General Castelo Branco, por meio do telefonema de um amigo, aconselhou o cancelamento, temendo violências, Dona Amélia Bastos insistiu, afirmando: "A marcha de-

monstrará ao mundo que esta é uma revolução *do povo*—um plebiscito em marcha pela verdadeira democracia!"

E assim foi: um oceano de humanidade, totalizando mais de um milhão de pessoas, deslocando-se sob uma tempestade de papéis picados caindo dos arranha-céus ao longo das avenidas do Rio; um exército de paz com bandeiras, dizendo com firmeza e reverência a tôda a América do Sul que os brasileiros estavam decididos a permanecer livres.

### Qual Era o Grau de Perigo?

Dias depois da revolução, os brasileiros começaram a tomar conhecimento de quanto tinham estado perto de perder essa liberdade. Varejando antros de subversão, apressadamente abandonados, unidades do serviço militar de informação descobriram toneladas de publicações comunistas, manuais de guerrilhas, arsenais de armas, planos meticulosos para a dominação vermelha, projetos estranhos para o massacre dos principais elementos anticomunistas.

No Palácio das Laranjeiras, no Rio, havia arquivos comprometedores de correspondência de gente do Govêrno com chefes vermelhos, cheques compensados no valor de milhões de cruzeiros doados a organizações comunistas camufladas.

Na residência do cunhado de Goulart vieram à tona inúmeras provas dos atos da "Frente de Libertação Nacional" de Brizola—composta por seus "Grupos dos Onze" (conhecidos como G-11)—que êle presidia como "comandante supremo". Os grupos G-11, cuja fôrça não era para desprezar, organizados por Brizola para "salvar o Brasil das garras dos capitalistas internacionais e de seus aliados internos", apurou-se terem um efetivo superior a 30 000 homens.

Um manual secreto apreendido, distribuído aos comandantes regionais dos G-11, determinava que êstes fôssem organizados segundo modêlo da "gloriosa Guarda Vermelha da Revolução Socialista de 1917". Os seus membros, chamados "companheiros", juravam "lutar até à morte", aprendiam a organizar greves, a promover agitações e armar confusão; a "destruir, saquear e queimar edifícios públicos assim como emprêsas privadas"; a capturar estações telefônicas, de rádio e TV e depósitos de armamento; a raptar e conservar como reféns autoridades que, em caso de insucesso, "deveriam ser imediata e sumàriamente mortas".

Outro manual tratava das técnicas de "violência planejada, pondo de lado qualquer espécie de sentimentalismo", para eliminar qualquer pessoa que se opusesse. Dava-se atenção especial à execução de oficiais de postos elevados: "Cada oficial suspeito terá um homem responsável por sua eliminação no momento certo"; se o encarregado falhasse em seu dever, êle próprio deveria "sofrer imediatamente a pena de morte".

### Dinheiro Disponível e Dinheiro Falso

Na luxuosa residência de Brizola em Pôrto Alegre, com 20 cômodos—êle que nos seus discursos gostava de considerar-se "um homem pobre" e "defensor dos oprimidos"—foram encontradas várias centenas de milhões de cruzeiros e também documentos cuidadosamente preparados pondo outros bens dêle em nome de terceiros, mas especificando que deveriam ser "devolvidos quando pedidos por LB".

Em Pernambuco, quartel-general dos preparativos comunistas no Nordeste, foram descobertos mais de 10 000 uniformes e o mesmo número de pares de sapatos, além de encomendas para mais 50 000, destinados ao Exército Camponês, que estava sendo recrutado e adestrado por Miguel Arraes, o Governador vermelho de Pernambuco. Havia vários uniformes para os chefes revolucionários, com um de desenho especial destinado ao próprio Arraes.

Em São Paulo, foi encontrado um vasto depósito de imitações de dinheiro em papel-moeda e moeda metálica, tendo gravadas as imagens de Lenine, Stalin, e Prestes, bem como selos postais com a foice e o martelo. Isso era utilizado principalmente para propaganda. Mas também apareceram enormes quantidades de dinheiro falso, tão bem feito que quase não podia ser descoberto; os arquivos de sua utilização indicavam que outros bilhões tinham sido remetidos para organizações vermelhas, não só para financiar a subversão, mas também para acelerar a inflação, um objetivo prioritário dos engenheiros do caos.

Nas sedes das organizações trabalhistas e na União Nacional de Estudantes havia montes de filmes e impressos da Rússia, China Vermelha e Cuba; ampliações de fotografias de Castro, Khrushchev e Mao Tse-tung para colocar nas paredes e pilhas de fotografias menores para distribuição; além disso, havia grandes estoques de bombas Molotov e material para confeccioná-las.

Foram apanhados em flagrantes nove agentes vermelhos chineses, sete dêles apresentando-se como membros de uma "missão comercial" e dois como correspondentes da Agência de Notícias Nova China. Em poder dêles havia planos pormenorizados para o assassinato de preeminentes anticomunistas, bem como maçarocas de dinheiro e registro de gratificações pagas a congressistas e a membros do séquito de Goulart. O dinheiro encontrado com os nove, aparentemente destinado a subornar, elevava-se a mais de um bilhão de cruzeiros, 53 000 dólares americanos, 5 000 libras esterlinas e diversas quantias menores de outras procedências.

### Nova Fechadura na Porta

Contra todos êsses elementos subversivos e corruptores os militares agiram depressa, prendendo todos os suspeitos—por um "Ato Ins-

titucional" ràpidamente promulgado para orientar o Brasil durante o govêrno provisório—excluindo do cenário político pessoas reputadas como ameaças imediatas para o sucesso da revolução. Muitos foram soltos após investigações; só continuaram detidos aquêles cujos atos provados, e não meras palavras, contribuíram para o quase soçôbro do Brasil.

Tiveram seus direitos políticos cassados por 10 anos 68 membros expulsos do Congresso e 349 outros brasileiros destacados—entre êles os ex-Presidentes Goulart, Quadros e Kubitschek. Sòmente depois que o Presidente Castelo Branco examinou pessoalmente as provas que havia contra Kubitschek, teve o ex-Presidente também cassados os seus direitos políticos. Aos críticos estrangeiros para quem tais medidas foram excessivamente severas, o nôvo Govêrno limitou-se a dizer: "Quando a casa da gente foi saqueada, não se convidam os ladrões a voltarem para jantar. No mínimo coloca-se uma nova fechadura na porta."

Visitando Paris após a revolução, e submetido a perguntas mordazes de repórteres franceses acêrca do expurgo pós-revolucionário, o Governador Lacerda aludiu à Revolução Francesa de 1789. "O Brasil", observou com vivacidade, "ainda não mandou uma única pessoa para a guilhotina."

### "Um Honesto Meio-Têrmo"

PERFEITAMENTE dentro do período de 30 dias previsto pela Constituição, o Congresso do Brasil elegeu Presidente o General Castelo Branco até ao término dos dois anos que restavam do Govêrno Goulart.* Em vívido contraste com os demagogos baratos que o precederam, Castelo Branco é universalmente reconhecido como honesto, isento da temeridade tão marcante de muitos governantes latino-americanos, e pro-

FOTO: WIDE WORLD

*O Presidente Humberto Castelo Branco ao ser empossado na Presidência da República, no dia 15 de abril*

* O Congresso mais tarde aprovaria uma prorrogação do mandato até 1966.

fundamente dedicado aos processos democráticos. É um homem sereno, mas obstinadamente corajoso.

Sendo êle próprio a antítese do caudilho, Castelo Branco chefia um govêrno que está longe de ser uma ditadura militar. Os partidos políticos como o Congresso existem sem restrições. A imprensa é livre, sem limitações aos desacordos ou à crítica; até o jornal *Última Hora*, principal defensor de Jango, continua sendo publicado. A "família oficial" do Presidente é composta dos mais notáveis peritos do país em seus respectivos campos: economistas, diplomatas de carreira, engenheiros, etc. À exceção dos ministros das três Fôrças Armadas e do Marechal Reformado Juarez Távora, Ministro da Viação e Obras Públicas, todos os membros do Gabinete são civis. Todos êles são homens da "classe média", devotados às anunciadas reformas de Castelo.

Rigoroso homem de centro, Castelo Branco repele a qualificação de "revolução direitista". Êle assevera positivamente: "A extrema direita é reacionária, a extrema esquerda é subversiva. O Brasil precisa seguir um honesto meio-têrmo." Quando, pouco depois da revolução, alguns ricos industriais e latifundiários procuraram impor o que êle considerou reivindicações em benefício próprio, Castelo Branco falou àsperamente: "A solução para os males da extrema esquerda não reside no nascimento de uma direita reacionária." Os latifundiários deviam estar mais bem informados. Enquanto servira no Nordeste, êle não escondera o fato de que "o aspecto mais desagradável da vida militar para mim é ter de defender proprietários ricos que tratam trabalhadores rurais como escravos". No início de abril um porta-voz do Govêrno deixou claro: "A revolução não foi feita para manter a injustiça social e privilégios especiais."

O Presidente não alimenta ilusões quanto à enormidade da sua missão, nem sôbre o pouco tempo de que dispõe para cumpri-la. Os problemas do Brasil estão profundamente enraizados; há regiões de tremenda pobreza e exploração das massas—não por gente de fora, como acusavam os vermelhos, mas por sua própria gente. São necessárias reformas extremas—políticas, econômicas e sociais. A tarefa é desconcertante. Mas, não estando vinculado a nenhum partido ou grupo de pressão—e com podêres dados pelo Ato Institucional, que o tornam responsável apenas perante o Congresso e o povo—o denodado Marechal está empenhado numa tentativa decisiva.

## Reformas em Marcha

MAL ASSUMIU o cargo, Castelo Branco começou a desmontar a gigantesca e corrupta máquina burocrática; reduziu de 30% o recheado orçamento para o primeiro ano, começou a despejar no funil do Congresso reformas que vão direto ao cerne das dificuldades brasileiras. Cada projeto de lei tem de ser es-

tudado pelo Congresso dentro de um prazo de 30 dias ou automàticamente se converterá em lei.

As reformas políticas já aprovadas abrangem uma emenda constitucional exigindo maioria absoluta nas eleições presidenciais—para desestimular a proliferação de partidos políticos, atualmente em número de 13, e para neutralizar a possibilidade de algum demagogo chegar ao poder com a conivência dos partidos, contrariando a vontade popular.

As reformas econômicas compreendem medidas destinadas a deter a inflação, como uma redução sensível nas despesas oficiais, a vinculação das futuras escalas salariais à produtividade e ao custo de vida e o fechamento dos meios de evasão das leis sôbre sociedades anônimas e impôsto de renda; uma emenda da Lei de Remessa de Lucros, há muito tempo discriminatória contra os investimentos estrangeiros; proibição de nacionalização e confisco de emprêsas privadas; eliminação de subsídios para a importação de trigo, petróleo e papel de imprensa; cancelamento da isenção de impostos para jornalistas, juízes, escritores e professôres.

As reformas sociais, visando a elevar o padrão de vida das massas empobrecidas, incluem um programa nacional de construção de casas de baixo preço, destinado a acabar com as horrorosas favelas que são uma vergonha das grandes cidades brasileiras, e um programa de reforma agrária para corrigir a pobreza e as injustiças sofridas pelas massas nordestinas, virtuais servas dos grandes senhores feudais. O cerne do projeto de reforma agrária de Castelo Branco é a imposição de um impôsto progressivo, de acôrdo com o tamanho e as frações ociosas da propriedade, que estimulará a utilização da terra e sua redistribuição pelos que não possuem terra própria. Êsse programa compreende assistência técnica e subvenções para auxiliar os pequenos fazendeiros no comêço, além de estradas federais que liguem a fazenda aos mercados.

Não menos difícil que as reformas políticas, econômicas e sociais é a limpeza moral em que se acha empenhado o regime. Nisto o Presidente deu exemplo. Antes de tomar posse, êle voluntàriamente fêz a declaração de seus bens particulares: um apartamento no Rio de Janeiro, cêrca de três milhões de cruzeiros em ações, um automóvel Aero Willys modêlo 1961, um jazigo perpétuo no Cemitério São João Batista, no Rio. Seus discursos à Nação e mensagens ao Congresso ressoam como apelos à moralidade política. "A grande coisa que Castelo Branco já fêz", disse um eminente brasileiro em julho último, "foi a criação de uma imagem de decôro e honestidade no Govêrno."

### A Longa Viagem de Volta

Mas apesar de seus magnânimos objetivos, poderá o Govêrno Revolucionário—no período que lhe resta—convencer todos os brasileiros

da necessidade dos sacrifícios que têm de ser feitos para remediar os males que afligem a Nação?

Os obstáculos são formidáveis. A maioria da classe de ricos proprietários rurais reage firmemente contra impostos mais elevados e reforma agrária. Das massas camponesas, por outro lado, surgirão novos líderes que acharão excessivamente lentos os projetos de melhoramento social. Comunistas e outros radicais, malgrado seu banimento presente, certamente se reagruparão em segrêdo, decididos a evitar seus enganos do passado. E o homem da rua, de há muito céptico quanto às promessas oficiais de qualquer procedência, tem de ver suficiente progresso rumo às reformas para dar seu apoio nas eleições livres ora marcadas para 1966.

A resposta não depende apenas do Marechal e de seus adeptos da classe média. "Ela também depende", dizem os revolucionários brasileiros, "da vontade de todo brasileiro de subordinar os interêsses egoístas ao bem da Nação."

Diz Castelo Branco: "Por tempo demais fomos levados pelos demagogos a pôr a culpa de todos os nossos males no imperialismo ianque. Doravante vamos ser julgados, não por nossas intenções, não por nossas promessas, mas pelo que fizermos!"

Apoiando o Presidente há os que antes de tudo tornaram um sucesso a revolta da classe média. "Uma coisa é fazer uma revolução", diz Dr. Glycon de Paiva, do Conselho Nacional de Economia, "e outra sustentá-la. O perigo agora é de que nós, que iniciamos esta revolta, nos descuidemos." Para evitar tal perigo, grupos democráticos continuam a postos—patrocinando cursos para adestrar líderes democráticos, especialmente nas classes média e pobre, e criando maneiras de manter o público atento e esclarecido. Expressando a nova atitude de muitos empresários brasileiros, o industrial Paulo Ayres Filho declara: "Sabemos agora que nós, homens de negócio, não podemos pensar apenas em lucros, mas também nos problemas sociais do país. Temos de provar que a livre-emprêsa pode prestar o melhor serviço a *todos*."

Os grupos femininos também não se estão desmobilizando. Diz Dona Amélia Bastos, da CAMDE: "Nós, as mulheres do Brasil, descobrimos a nossa fôrça. Vamos trabalhar agora para conservar a democracia que ajudamos a salvar." As mulheres da CAMDE estão voltando suas energias para a educação e a assistência social. Elas também sugeriram ao Govêrno um plano minucioso para combater o analfabetismo, oferecendo-se para montar uma campanha de âmbito nacional, destinada a angariar fundos para realizar êsse plano.

Se essa atitude se difundir suficientemente, o Brasil poderá de fato sair do longo mergulho em direção ao caos e dar grandes passos para a realização de seu imenso potencial. E, assim fazendo, poderá contar com o apoio de todo o mundo livre.

# A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA

Desde o seu primeiro número, um tema constante em Seleções do Reader's Digest tem sido a ameaça que o comunismo representa para o nosso estilo democrático de vida. Nossa revista tem informado sôbre a luta do comunismo internacional contra o mundo livre—desde Cuba à Coréia—mas não tinha tido ainda oportunidade de tratar de uma vitória tão significativa para a Democracia como a da revolução brasileira.

Por isso decidimos dispensar a êste artigo um tratamento especial, publicando-o como livreto destacável da revista, para que, depois de lido, os leitores possam passá-lo aos amigos.

Queremos também que você saiba, leitor patrício, que a publicação de *A Nação que se Salvou a si Mesma* será feita em 13 idiomas—entre os quais o japonês, o árabe e as principais línguas européias—em um total de mais de 25 milhões de exemplares; portanto, com você mais de 100 milhões de pessoas do mundo inteiro terão oportunidade de meditar sôbre os motivos que levaram os brasileiros à revolução de 30 de março de 1964 —e compreender um acontecimento da mais alta importância para os destinos do homem.

—O Redator-Chefe

*Separatas dêste artigo podem ser obtidas ao preço de Cr$ 90,00 por exemplar, mais Cr$ 10,00 para pagamento do sêlo necessário para remessa de qualquer quantidade de separatas. Enderece seu pedido a: Redator-Chefe, Seleções do Reader's Digest, Avenida Presidente Vargas, 62, 6º andar, Rio de Janeiro, GB, ZC-00.*